

# OMS retira alerta máximo para mpox

Assim como a covid-19, a doença deixa de ser emergência pública global, pois a transmissibilidade do vírus estabilizou. A agência das Nações Unidas assinala, porém, que a classificação pode mudar novamente se os casos aumentarem

» ISABELLA ALMEIDA

Uma semana após alterar o status da covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a mpox (anteriormente chamada varíola dos macacos) também não é mais uma emergência pública global. O alerta havia sido emitido em julho do ano passado, em decorrência do aumento do número de casos da doença. O anúncio foi realizado por Tedros Adhanon Ghebreyesus, diretor-geral do organismo das Nações Unidas, em uma coletiva de imprensa em Genebra, na Suíça.

Apesar da alteração, é preciso manter a vigilância, ressaltou Ghebreyesus. "Embora os alertas para mpox e covid-19 tenham terminado, a ameaça de novas ondas se mantém para ambas. Os dois vírus continuam circulando, e continuam matando", reforçou o diretor-geral durante o evento.

Werciley Júnior, médico infectologista e chefe da Comissão de Controle de Infecção do Hospital Santa Lúcia, esclareceu que a declaração de urgência ou emergência é indicada quando se tem um aumento súbito da ocorrência da doença, sem haver medidas de controle efetivo, como vacina e medicamentos. "Os casos diminuíram sua transmissibilidade, ou seja, estabilizaram, mas não quer dizer que acabou, apenas estabilizou. Mas, se acontecer um novo aumento, há necessidade de rediscutir o retorno dessa classificação."

## Estigma

Tedros Adhanon Ghebreyesus seguiu as recomendações do Comitê de Emergências da Organização Mundial da Saúde, ao anunciar o fim da emergência. "Houve quase 90% de casos a menos nestes três meses, em comparação com os três meses anteriores", justificou. No mundo, já foram registradas mais de 87 mil ocorrências em 111 países, incluindo o Brasil. A doença deixou 140 mortos, segundo o último relatório da organização. Rosamund Lewis, líder técnica

AFP



Paciente infectado pelo vírus: erupções na pele são um dos sintomas da enfermidade, que deixou 140 mortos no mundo, 16 deles no Brasil

JEAN-GUY PYTHON / AFP



**Embora os alertas para mpox e covid-19 tenham terminado, a ameaça de novas ondas se mantém para ambas"**

**Tedros Adhanon Ghebreyesus**  
diretor-geral da OMS

da mpox no Programa de Emergências em Saúde da OMS, reforçou na coletiva que é de extrema importância manter os esforços que já foram iniciados, porque "enquanto um vírus tiver a oportunidade de continuar a se transmitir de pessoa para pessoa, ele também terá a oportunidade de mudar, sofrer mutações, evoluir".

Ainda de acordo com o documento divulgado ontem pela OMS, o surto segue com baixas taxas de transmissão na Europa e nas Américas. Uma curva de crescimento foi registrada no Pacífico Ocidental, casos foram relatados no Japão, China e Coreia do Sul. Desde o boletim anterior, de 27 de abril, houve 264 novos casos e 10 mortes, uma alta de 0,3% no número de infecções. Na África, os impactos não são claros. "O vírus continua afetando comunidades em todas as regiões, incluindo a África, onde a transmissão ainda não é bem compreendida", acrescentou o diretor-geral.

## Para saber mais

### Nova nomenclatura

Em 28 de novembro de 2022, a Organização Mundial da Saúde anunciou a renomeação da mpox, conhecida anteriormente como varíola dos macacos. A mudança aconteceu para combater o tom discriminatório e estigmatizante atribuído à antiga designação da patologia, o que foi apontado por grupos de luta pelos direitos humanos.

A nomenclatura "varíola dos macacos" se originou por volta da

década de 1950, quando o vírus causador da patologia foi encontrado em macacos. Por conta do surto da mpox, passou a ser usada de forma preconceituosa, resultando na necessidade de alterá-la.

De acordo com a OMS, o termo mpox é mais adequado, além de ser usado em todos os idiomas. Os dois nomes para a doença poderão ser utilizados até o fim de 2023, quando mpox passará a ser o único. (IA)

## Negligência

Michael Ryan, diretor-executivo do programa da OMS, afirmou que a doença foi negligenciada "e pode voltar a nos chocar no futuro."

Ryan acrescentou que é indispensável manter a vigilância sobre a patologia: "Precisamos continuar monitorando esse vírus".

A maioria das infecções relatadas no mundo afetou homens

que mantiveram relações sexuais com parceiros do mesmo sexo, o que acendeu um alerta para possíveis problemas de discriminação. "Embora o estigma tenha sido uma preocupação impulsivada na gestão desta epidemia e continue dificultando o acesso aos cuidados para mpox, a temida reação violenta contra as comunidades mais atingidas não se materializou", afirmou Ghebreyesus.

O Brasil é uma das nações mais acometidas pela doença, com mais de 10 mil casos, e 16 mortes, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, que registraram cerca de 30 mil infecções pelo vírus. Agora, o mais recente boletim da OMS mostrou que o Brasil está em uma região com declínio no número de registros da mpox. No Distrito Federal, o último informe epidemiológico da Secretaria de Estado e Saúde apontou 352 ocorrências confirmadas laboratorialmente e 33 prováveis desde o início das análises, em 2022.

## Palavra de especialista

### Atenção e precaução

"Um dos principais cuidados para evitar a infecção e transmissão é a realização de práticas sexuais seguras. Também é importante estar sensível à detecção de sintomas — muitos pacientes têm sintomas muito leves, como uma lesão que parece uma espinha, e linfonodos pouco aumentados — e atento aos sinais para que se faça o exame, principalmente se houver lesões na região genital; evite ter contato e faça o teste. Outro cuidado é a pessoa que tem direito à vacinação, se vacinar."

**Victor Bertollo**, infectologista do Hospital Anchieta de Brasília

## ASTRONOMIA

# Megaexplosão cósmica flagrada por telescópio

Explosões cósmicas são verdadeiras fábricas de elementos pesados e, entre outras coisas, podem acabar com uma galáxia inteira, tamanha a radiação liberada. Agora, pesquisadores da Universidade de Southampton, no Reino Unido, anunciaram a descoberta do maior evento do tipo já localizado. A pesquisa, publicada na revista *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, identificou um fenômeno 10 vezes mais brilhante que qualquer supernova e três vezes mais luminoso que a ruptura de maré, que acontece quando uma estrela é sugada por um buraco negro.

A explosão, nomeada AT2021lwx, já dura mais de três anos, enquanto as supernovas são vistas apenas por alguns meses, disse o líder da pesquisa, Philip Wiseman. Segundo o estudo, o evento ocorre a 8 bilhões de anos-luz do ponto de observação, quando o Universo tinha aproximadamente 6 bilhões de anos — a idade estimada

do Cosmos são 14 bilhões.

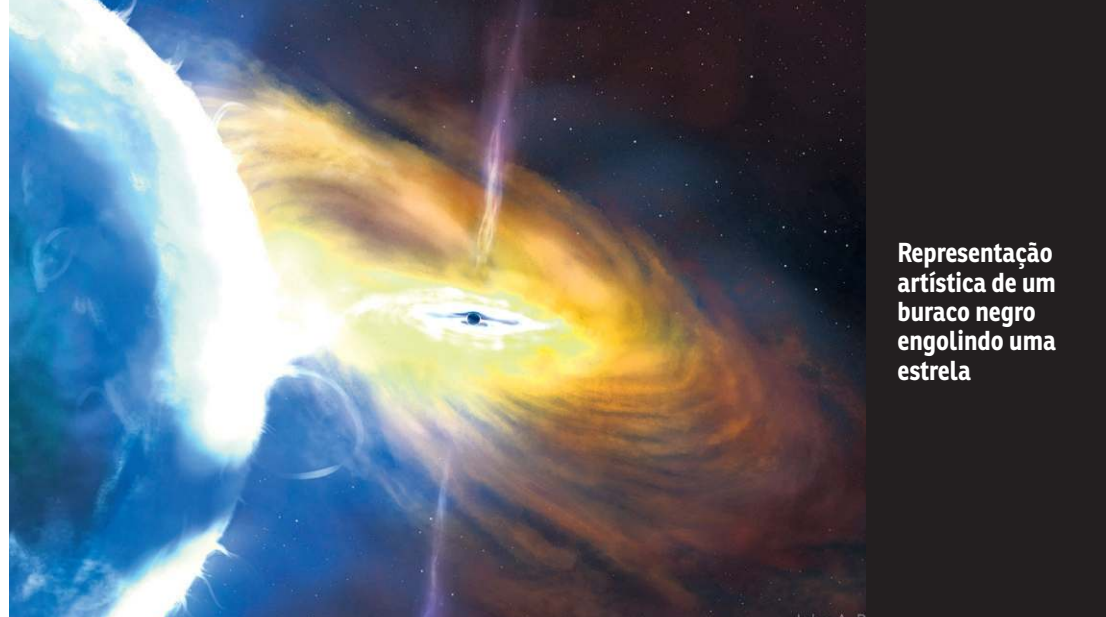
Sebastian Hönig, da Universidade de Southampton, coautor da pesquisa, elucidou, em nota, como a dimensão da explosão foi medida. "Após saber a distância até o objeto e quão brilhante ele aparece para nós, você pode calcular o brilho em sua fonte. Depois de realizarmos esses cálculos, percebemos que era extremamente brilhante", relatou.

Philip Wiseman contou que a identificação foi feita com informações do Zwicky Transient Facility (ZTF), um levantamento astronômico que usa uma nova câmera acoplada ao Telescópio Samuel Oschin, no Observatório Palomar, na Califórnia. Os cientistas buscavam por supernovas estranhas com vida longa, e utilizaram outro equipamento para investir na empreitada.

## Partículas gasosas

"Quando utilizamos um telescópio maior para tentar descobrir

John A. Paice



Representação artística de um buraco negro engolindo uma estrela

se era esse tipo de supernova, descobrimos que não se parecia em nada com uma supernova, mas, sim, com um quasar, que é um buraco negro engolindo gás de seus

arredores. Mas os quasares piscam constantemente, enquanto este foi apenas um único flash gigante, que durou quase três anos e ainda está desaparecendo gradualmente."

Para o pesquisador, a descoberta muda a percepção sobre como os buracos negros podem crescer. "Sabemos que eles engolem gases, mas isso geralmente acontece em

processos lentos e constantes."

Os cientistas acreditam que a explosão foi gerada por uma grande nuvem de gás, maior que o Sol da Terra, que sofreu interferência de um buraco negro supermassivo. Conforme o estudo, fragmentos da nuvem foram engolidos, o que causou ondas de choque. O astrônomo Naelton Araújo, da Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, reforça que essa é uma hipótese válida sobre a causa do fenômeno e esclarece que quantidades enormes de partículas gasosas podem ter caído repentinamente dentro do objeto e que, com isso, muita energia foi emitida. "Durante pouco tempo, o objeto brilhou mais que a luz de várias galáxias."

Araújo ressalta que nada parecido havia sido observado anteriormente. "Tal fato desafia os modelos de formação de buracos negros e núcleos galácticos. Novos processos de interação de objetos estelares devem ser modelados para explicar esse fenômeno." (Isabella Almeida)